

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**NORDESTE AÇUCAREIRO NO BRASIL COLONIAL: UM ENCONTRO
PEDAGÓGICO ENTRE GEOGRAFIA E HISTÓRIA POR MEIO DAS OBRAS DE
ARTE DE FRANS POST**

Autora: Sorraily Gonçalves de Sousa

Orientadora: Prof^a. Ma. Marina Silveira Lopes

JUÍNA/2013

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**NORDESTE AÇUCAREIRO NO BRASIL COLONIAL: UM ENCONTRO
PEDAGÓGICO ENTRE GEOGRAFIA E HISTÓRIA POR MEIO DAS OBRAS DE
ARTE DE FRANS POST**

Autora: Sorraily Gonçalves de Sousa

Orientadora: Prof^a. Ma. Marina Silveira Lopes

“Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia, do Instituto Superior do Vale do Juruena como exigência parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.”

JUÍNA/2013

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ma. Ana Leticia de Oliveira

Prof^a. Esp. Sônia Mara Rogoski

Orientadora: Prof^a. Ma Marina Silveira Lopes

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer especialmente a orientadora Professora Mestra Marina Silveira Lopes, a Professora mestranda Katia Freitag, Professora da disciplina de TCC Professora Mestra Leidiane da Silva Reis, a Professora Especialista Sônia Mara Rogoski, Professora Mestra Ana Letícia de Oliveira e a todos os professores que nos acompanharam durante esses três anos e meio de estudos.

Agradeço também a Michel Rodrigues Quaresma pela oportunidade que me proporcionou e também a toda minha família que me apoiou durante minha trajetória.

Meus agradecimentos.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que me apoiaram durante esta jornada, em especial a meu filho Gustavo Gonçalves Quaresma minha motivação. Dedico também a Dona Olinda Rissato Quaresma e ao senhor Geraldo Alves de Souza que apesar de todo o apoio não tiveram a oportunidade de me ver concluir essa etapa tão importante e sonhada de minha vida.

EPÍGRAFE

“Quando não houver esperança
Quando não restar nem ilusão
Ainda há de haver esperança
Em cada um de nós
Algo de uma criança...”

Sérgio Britto, 2003 (Parte da Música Enquanto houver Sol)

RESUMO

Nem sempre o ambiente escolar propicia formas diferentes aos alunos para um ensino-aprendizagem mais eficaz, muitas vezes prejudicando o conteúdo e o interesse deles, apesar de inúmeros trabalhos acadêmicos junto à educação evidenciarem e enfatizarem um processo mais dinâmico e prazeroso para o estudante e para o professor. A geração atual convive com essa profusão, a qual potencializa a leitura não-verbal. Pensando nessa profusão de informações, procuramos aliar geografia e história e arte para o ensino-aprendizagem. Concebendo o estudo da geografia como relação estabelecida entre o homem e o meio em que vive, e tendo em vista que desde a antiguidade o ser humano utiliza-se das expressões artísticas para expressar e contar histórias vivenciadas por eles isto nos proporciona a possibilidade de estudo da geografia e história por meio das obras de arte. A pesquisa pretende trabalhar as informações geográficas nas obras do pintor holandês Franz Post, as quais retratam, em detalhes, a paisagem constituída na época da invasão holandesa em terras brasileiras. A partir dessa leitura, buscamos a interdisciplinaridade com história, português e artes, na tentativa de uma melhor aceitação e reconhecimento do espaço-tempo do período abordado. Primeiramente, será feita a seleção das telas mais representativas do artista. Em seguida será detalhada a paisagem retratada, tanto com relação aos aspectos biogeográficos e geomorfológicos. Torna-se possível trabalhar de modo pedagógico e interdisciplinar o espaço ou paisagem geográfica pelas obras de arte, visto que diversos artistas de diversos períodos retratavam a realidade vivenciada e assim representavam a relação entre o homem e o meio. Partindo buscamos despertar o interesse do aluno para a geografia e mostrar aos docentes a viabilidade de se trabalhar a interdisciplinaridade.

PALAVRAS-CHAVE: geografia, história, educação, interdisciplinaridade, Frans Post.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Cachoeira de Paulo Afonso	24
FIGURA 02: Paisagem do rio e tamanduá	25
FIGURA 03: Rio São Francisco	27
FIGURA 04: Vista de ITAMARACÁ	35
FIGURA 05: Engenho	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I: REGISTROS ARTÍSTICOS: A ARTE COMO INTERLOCUTORA CULTURAL	11
1.1 IMAGENS: Conceituação de obras de arte para uma leitura de mundo	11
CAPITULO II: INTERDISCIPLINARIDADE: A ARTE PARA UMA BOA EDUCAÇÃO	
2.1 O CURRÍCULO ESCOLAR E ARTE: Breve contextualização histórica da arte na educação brasileira	15
2.2 ARTES VISUAIS E INTERDISCIPLINARIDADE: Um enfoque no estudo de geografia, história e artes	19
2.2.1 GEOGRAFIA FÍSICA: Os corpos sólidos, líquidos e gasosos da Terra	23
2.2.1.1 GEOMORFOLOGIA: A arte de esculpir as rochas	24
2.2.1.2 HIDROGRAFIA: A água sobe suas diversas formas	25
2.2.1.3 CLIMA: A arte produzida pela incidência solar	27
CAPITULO III: HISTÓRIA DO BRASIL COLONIAL: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRIA E A ARTE	
3.1 HISTÓRIA DO BRASIL COLONIAL	30
3.2 FRANS POST: A arte europeia no nordeste açucareiro	32
3.3 GEOGRAFIA E HISTÓRICA ATRAVÉS DAS OBRAS DE ARTE: Uma análise da Vista de Itamaracá e Engenho de Frans Post	34
CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS	40
ANEXOS	43

INTRODUÇÃO

Atualmente nota-se uma modificação considerável no sistema educacional, através da criação de leis e resoluções dando origem a diversas linhas de pesquisas, entretanto ainda é notória as inúmeras dificuldades enfrentadas pelo professor em sala de aula principalmente no que se refere a atenção dos alunos.

Torna-se um problema quando o professor não consegue despertar o interesse no aluno, ou quando sua aula torna-se maçante e cansativa, tendo em vista que os alunos estão inseridos num contexto contemporâneo em que predominam tecnologias, meios comunicativos áudios-visuais, rápido acesso a informação, entre outros. Ou seja, se a aula não possuir um caráter lúdico e interdisciplinar pode ser difícil manter ou despertar o interesse dos alunos. Neste contexto, as artes plásticas, bem como recurso visual, podem vir a contribuir.

Através de uma proposta interdisciplinar é importante perceber que as obras de arte podem vir de encontro à outras disciplinas ministradas na escola e não apenas nas aulas de artes.

Refletindo nisso busca-se com este trabalho analisar a viabilidade de se trabalhar geografia e história pelas obras Frans Post, tendo em vista conseguir a atenção e maior aproveitamento das aulas de artes, geografia e história.

Para ressaltar a relevância do tema, busca-se promover a pesquisa neste trabalho de cunho bibliográfico, através de afirmações de diversos autores encontrados em livros, revistas e artigos da *web*. Esta pesquisa vem ao encontro a algumas problemáticas, entre elas, as principais vêm a ser: será que a leitura das disciplinas pelas obras de arte pode aumentar o interesse dos discentes no ensino de geografia e história? Para a possível interdisciplinaridade entre geografia, história e artes, há a necessidade de se ter profundos conhecimentos em artes plásticas?

Como possíveis respostas a estes questionamentos supõe-se como hipóteses a ausência de conhecimento didático para se trabalhar com leitura de imagens; desconhecimento dessa possibilidade de trabalho; falta de estímulo por parte dos professores, gestores e articuladores da escola.

Procura-se assim, verificar a possibilidade no ensino de geografia e história por meio das obras de artes do artista Frans Post , principalmente no que se refere

as obras: Vista do Itamaracá e o Engenho. Buscamos ainda verificar as dificuldades do ensino de geografia e história através das obras de artes especialmente pinturas, possibilitar um maior contato pedagógico com as obras de Frans Post, deixar uma ponte para futuros trabalhos desse porte.

Ressalta-se na pesquisa o pintor Frans Post, um holandês, que foi o primeiro pintor Europeu a retratar o novo continente, em especial o Brasil. Suas obras visavam mostrar a fauna e flora das colônias ao Velho Continente. Entretanto o artista é pouco conhecido e divulgado, mesmo que sua importância venha sendo apresentada por diversos autores.

Divide-se este trabalho em três capítulos. No primeiro apresenta-se alguns conceitos sobre a arte, as imagens e a ludicidade. No segundo capítulo o foco principal é a interdisciplinaridade, enfatizando-se a geografia, a história e artes. Faz-se também menção sobre a educação de artes especificamente no ambiente escolar traçando um breve esboço da história da arte na educação brasileira. Trata-se também neste capítulo sobre a geografia, esclarecendo diferentes abordagens sobre a mesma. Já no terceiro capítulo faz-se uma contextualização da história do Brasil colonial, bem como considerações sobre Frans Post e suas obras, e por fim, sugere-se algumas análises sobre as obras do pintor, de modo a apontar as referências geográficas presentes. Neste ponto do trabalho a análise das obras vem numa perspectiva de auxiliar como proposta pedagógica visando demonstrar que é possível fazer uma contextualização e interdisciplinaridade através de pinturas.

Mostra-se nesse trabalho monográfico uma pesquisa sobre estes assuntos, através de um levantamento bibliográfico em que se apontam autores que trazem embasamentos teóricos consistentes que justifiquem a relevância e importância da pesquisa.

CAPÍTULO I

REGISTROS ARTÍSTICOS: A ARTE COMO INTERLOCUTORA CULTURAL

Desde os primórdios o homem se utiliza da pintura para retratar a realidade vivenciada. As primeiras obras que se tem notícia são as pinturas rupestres realizadas em cavernas retratando o dia-a-dia ou a vivência dos povos da época, em geral a caça e pesca. Com o passar do tempo e desenvolvimento de tecnologias as técnicas foram se aperfeiçoando, mas nunca deixaram de existir.

De acordo com Tolstói (2002, p. 15) “a arte é a atividade humana que consiste em um homem comunicar conscientemente a outras, por certos sinais exteriores, os sentimentos que vivenciou, e os outros serem contaminados desses sentimentos e também os experimentar.”

A arte, para Silva (2009) é qualquer manifestação humana, expressão e comunicação dos indivíduos, portanto se apresenta de diversas formas como literatura, teatro, dança, música, pinturas, esculturas, desenhos, gravuras, arquitetura, entre diversos outros. Deste modo as obras de arte principalmente as pinturas transmitem a visão do seu criador.

Qualquer uma dessas obras de arte é expressão de um momento da vida do autor ou algo vivenciado por ele, deste modo qualquer objeto pode ser considerado um documento histórico sobre determinada época ou período. Todos os resquícios do passado são considerados fontes documentais que possibilitam pesquisas históricas. Segundo Santos (2010), tanto os textos verbais e não verbais, assim como as obras de artes visuais e produções artísticas como o cinema, dança, música e teatro são elementos com dados historiográficos.

1.1 IMAGENS: a conceituação de obras de arte para uma leitura de mundo

Quando se pensa em arte, geralmente a associação do pensamento primeiramente remete a uma imagem. No entanto o conceito de imagem se apresenta por meio de vários significados, sendo o mais comum, de representação visual de um dado objeto além das outras inúmeras formas de compreensão de seu conceito.

Já as obras de arte tratam de uma representação humana que pode ser feita através da construção de imagem. Assim as obras de arte estão intrínsecas dentro do contexto mais amplo do termo imagem, ficando difícil sua separação, ainda mais quando nos referimos a pinturas.

Pesquisadores de diversas áreas vêm estudando o uso de imagens como documentos que possam interferir política e culturalmente na vida dos seus intérpretes ou até mesmo que passem informações sobre um determinado período ou época (SARDELICH, 2006). Dessa forma diversos autores afirmam que imagens, principalmente as pinturas, são fontes documentais de dados históricos.

Partindo da ideia de Martins, Gouvêa e Piccinini (2012) de que as imagens são recursos utilizados na comunicação, as telas produzidas por diversos artistas plásticos também representam ou comunicam algo.

Para Moraes (2010), as características históricas das obras de arte tornam-se visíveis a partir das obras feitas pelos pintores viajantes incumbidos de retratar as paisagens do Novo Mundo¹ à Europa do século XV (LAGO; LAGO, 2009). Dentre eles podemos destacar Frans Post e Albert Eckhoutt os primeiros a realizarem esse feito. Ambos holandeses, dividiam a incumbência de retratar o nordeste brasileiro no período colonial. Este tipo de pintura designa-se como pinturas paisagísticas.

A leitura e interpretação de tais obras, em especial as paisagísticas, propiciam um conhecimento histórico e geográfico a cerca da imagem, trazendo registros geográficos que permitem uma visão sobre uma realidade que não vivemos (MORAES, 2010).

Os pintores viajantes eram responsáveis por retratar todo um período histórico. Em sua grande maioria pertenceram ao período colonial brasileiro, nesse momento todos os países europeus voltaram-se para as grandes navegações e com a descoberta das Américas, considerado na época um Novo Mundo, houve um grande número de países querendo conhecer a realidade vivenciada nos trópicos, portanto muitos enviavam pintores para retratarem o que ficava no plano do imaginário do povo europeu.

¹ Novo Mundo termo utilizado para referir-se ao continente Americano no século XV.

Vale ressaltar que as obras desses artistas vão além de uma simples reprodução do espaço geográfico brasileiro, pois ilustram todo um contexto histórico permeado por suas relações sociais da sociedade canavieira da época.

Deste modo as imagens e obras de artes deixam de ter um caráter fechado, para sujeitarem-se a leituras e interpretações a cerca da realidade vivenciada pelo autor e pela população pintada, proporcionando também uma possível leitura sobre os aspectos geográficos do local retratado, por exemplo.

Constata-se assim, que através de uma obra é possível realizar diversas leituras, e extrair inúmeras informações da sociedade representada nas imagens, tais como, conhecer culturas, épocas, contexto histórico, costumes, entre outros. Pois, para Moraes (2010, p.4) de modo geral “as obras de arte² retratam o meio ambiente e as relações sociais de uma determinada época.”

Essas obras artísticas apresentam um olhar geográfico sobre a paisagem, pois fazem um retrato sob a perspectiva do autor da realidade brasileira, tornando-se assim uma verdadeira excitação para o olhar geográfico, pois o mesmo lhes apresenta imagens de um espaço e tempo que foram vivenciados por ele. (MORAES, 2010).

Torna-se visível, assim, que as obras de arte tratam de elementos importantes de leitura e interpretação que podem ser utilizados por diversos profissionais, sobretudo os da educação, para analisar o período em que foram produzidas, a sociedade, a época, entre outros.

A utilização das obras de artes pode ser realizada por diversos profissionais como geógrafos, historiadores, pedagogos, artistas plásticos, pintores entre diversos outros.

Para Martins, Gouvêa, Piccinini (2012) as imagens são importantes para a exposição de ideias. Para os autores, elas também exercem um papel essencial na constituição das opiniões científicas e a formação de conceitos. Porém este estudo e interpretação não devem ser feitas apenas da imagem ilustrada na tela, mas em toda sua complexidade, como os métodos, os processos, os elementos históricos entre outros que servirão como base para a leitura e conceituação sobre a arte. (MORAES, 2010).

² O conceito de obra de arte é pouco discutido, entretanto para Sardelich (2006) obras de artes são obras que passam por uma equipe técnica de avaliação que as reconhece segundo alguns critérios.

Considerando a arte como uma fonte de informação de um determinado momento histórico e também notando que mesma encontra-se carregada de elementos geográficos; e concebendo o homem como um sujeito atuante e modificador do espaço, pode-se afirmar assim que a arte é uma ferramenta utilizada pelo homem para retratar ou ilustrar esse espaço (MORAES, 2010).

Para conceituar os principais aspectos da geografia física primeiramente é preciso ter em mente noções de que o espaço geográfico ou simplesmente espaço como afirma (Castro *et. al.* 2006), em inúmeros casos está associado a uma porção de Terra que pode ser identificada pela natureza, as relações humanas estabelecidas que produziram suas marcas, ou sua simples localização.

Já “a paisagem é uma construção da natureza pelo olhar. Para que ela exista, deve haver um ato inaugural, de separação entre o homem e a natureza, implicando um distanciamento” (PESAVENTO, 2004 p. 3). Assim percebemos que através da observação do espaço geográfico e da natureza que o compõe, o ser humano é capaz fazer uma construção desse local.

Mesmo encontrando-se muito atrelados trata-se de conceitos bem diferenciados enquanto o espaço geográfico está associado principalmente ao espaço físico de uma localidade, a paisagem remete-nos ao olhar do ser humano sobre esses espaços.

CAPITULO II

INTERDISCIPLINARIDADE: A ARTE DE UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

A disciplina de artes pode e deve ser trabalhada através da interdisciplinaridade o que proporciona um universo mais amplo para a construção dos conhecimentos pelos sujeitos no processo de ensino aprendizagem. Para o pedagogo isso serviria como um atrativo para diversas disciplinas em especial a geografia e história e para o aluno se refere a uma forma mais lúdica e dinâmica de aprendizagem.

Heloísa Lück 1994, p.60 apud Siqueira 2001, p. 3 refere-se “a interdisciplinaridade retende superar a fragmentação do conhecimento e para tanto necessita de uma visão de conjunto para que se estabeleça coerência na articulação dos conhecimentos”. Deste modo essa pesquisa torna-se importante para a construção de um trabalho pedagógico mais efetivo.

Para o pedagogo o trabalho interdisciplinar torna-se fundamental visto que o mesmo deve estar preparado para trabalhar com todos e disciplinar e o trabalho interdisciplinar torna esse processo mais rápido e eficiente.

A pedagogia é a ciência da educação que busca investigar e conhecer os processos educacionais, portanto o pedagogo deve ter conhecimento amplo sobre metodologias de ensino, didática, e práxis pedagógicas.

O pedagogo é habilitado por sua formação para trabalhar todas as disciplinas do ensino fundamental I o que inclui Educação Física, Artes, Língua Portuguesa, História, Geografia, Matemática, Ciências deste modo possibilita um maior contato com trabalho interdisciplinar, pois o mesmo acompanha diariamente o aluno mantendo assim um contato maior tornando possível uma análise maior das dificuldades dos mesmos.

2.1. O CURRÍCULO ESCOLAR E A ARTE: Breve contextualização histórica da arte na educação brasileira

A arte nem sempre foi vista no âmbito escolar, e nem sempre foi percebida da forma como é vista hoje, fazendo parte da grade curricular de disciplinas. “A

natureza da arte distingue um tipo particular de conhecimento em que o ser humano cria a partir de perguntas básicas feitas com relação ao seu lugar no mundo” (PCN, 1997a).

As Orientações Curriculares da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso (2012) trazem informações importantes fazendo um percurso no contexto histórico brasileiro sobre a arte e a educação. Segundo as orientações, inicialmente a educação artística foi inspirada nos modelos jesuíticos por volta de 1549 a 1780, e após a Missão Francesa em 1816 que instituiu um método de aplicação da educação em artes inspirada no estilo clássico e padrões de beleza. Nesse método educacional nos moldes neoclássicos, cabia ao professor repassar um conjunto de normas e ao educando restava a cópia, fiel.

Na década de 1930, o desenho de observação e a cópia ainda eram incentivadas nas aulas de educação artística no Brasil. Já no movimento Escola Nova, rompe-se com os padrões clássicos, deixa-se em parte os conhecimentos técnicos. Mas isso traz conseqüências, já que, o ensino de Artes passa a “negar o acesso ao conhecimento artístico ao estudante” (ORIENTAÇÕES CURRICULARES 2012, p.69). Isto por que, o contato com as imagens foi recusado por ser considerado um meio para não influenciar a criança.

As aulas de Arte na Pedagogia Renovada, pregam então, a idéia de liberdade de expressão. Nas décadas de 1940 e 1950 esta visão é contínua de modo a caracterizá-la a arte infantil como um processo de dentro para fora, de autodescoberta, desconsiderando os conhecimentos exteriores, ou seja, desconsiderando as imagens e obras artísticas já existentes.

De acordo com os PCNs, (1997a, p. 24) a partir de 1971, com a Lei de Diretrizes e Bases, o ensino de educação artística passou a ser obrigatório nas escolas de ensino regular, inicialmente como atividades educativas e não como disciplina. Ainda esta época tinha forte influência da livre-expressão.

Ainda de acordo com o PCN (1997a p.24) “a introdução da Educação Artística no currículo escolar foi um avanço, principalmente se considerado que houve um entendimento em relação à arte na formação dos indivíduos, seguindo os ditames de um pensamento renovador.” Já para as Orientações Curriculares Matogrossenses (2012), a Lei 5692/71, a educação artística passa a ser obrigatória, mas

com caráter tecnicista³ decorrente na lei, “há uma desconsideração ainda maior aos conhecimentos que se figuram em objetos operacionais e mensuráveis - traços, letras e coordenação (ORIENTAÇÕES CURRICULARES, 2012, p. 69). Sendo assim, para a Educação Artística amparada por lei, criam-se os cursos de Licenciatura Curta, duração de dois anos, pouco tempo para aprendizagem de conteúdos como: Artes plásticas, Música, Teatro, Dança.

A obrigatoriedade do ensino da arte para toda Educação Básica foi consequência desta formação de professores. Com o tempo as propostas passam a repensar com relação a leitura de obras quanto à estética e crítica, levando em consideração a arte e sua inserção no tempo e o fazer artístico.

Atualmente considera-se as manifestações artísticas inseridas na disciplina de Educação Artística, entre os conhecimentos constituídos, como lembram as Orientações Curriculares

saberes e valores produzidos culturalmente, expressos nas políticas públicas e gerados nas instituições produtoras do conhecimento científico e tecnológico; no mundo do trabalho; no desenvolvimento das linguagens; nas atividades desportivas e corporais; na produção artística; da História e das culturas Afro-brasileiras e Indígenas a Arte, em suas diferentes formas de expressão. (ORIENTAÇÕES CURRICULARES, 2012, p. 70).

Percebe-se que hoje se amplia o conceito de educação artística, principalmente se observado o contexto histórico no ambiente educacional.

Ultimamente devido ao desenvolvimento socioeconômico do país, pode-se observar uma série de mudanças relacionadas a educação, desde a LDB 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases, que regulamenta a educação em todo o país, de onde surgem diversos métodos de ensino. De sua leitura foram produzidos uma série de livros denominados PCNs, Parâmetros Curriculares Nacionais. Não são leis, mas têm o papel de auxiliar o professor no desenvolvimento de suas atividades docentes.

Existe um PCN para cada disciplina, ele contém os conteúdos e objetivos que podem ser trabalhados de acordo com a série, ciclo ou ano de ensino, mas cabe ao professor decidir se vai segui-lo ou não.

O PCN (1997a) de artes nos mostra a importância do trabalho bem realizado da disciplina, sendo a mesma entendida como qualquer manifestação humana de expressão ou comunicação, assim a arte se divide em: artes plásticas, arte musical,

³ Tecnicista utilização de técnicas precisas, objetivas e rápidas que não levem o aluno a pensar apenas a reprodução.

arte da dança, arte teatral. O mesmo trata a arte como um todo, em suas diversas formas de expressões, entretanto nosso interesse de estudo são as artes plásticas.

Para muitos professores o ensino de artes é meramente utilitário e instrumental, tornando a disciplina monótona e sem objetivo. Entretanto para outros, o trabalho com artes mostra-se extremamente relevante se levamos em consideração o desenho. Por exemplo, pode trabalhar aspectos da geografia, história, ciência, português, não somente as artes visuais, mas também as cenográficas e todas as demais serviriam para o trabalho de fixação de conteúdos e desenvolver um pensamento crítico nos alunos.

Outras questões a serem desenvolvidas a partir do pensamento artístico seriam a habilidades estéticas e artísticas sobre a realidade e sobre as artes em geral, além da coordenação motora fina e ampla, psicomotricidade, expressão corporal, facial, verbal, lateralidade entre outros (PCN, 1997a).

A realização de trabalhos artísticos com crianças ajuda no desenvolvimento da “autoestima, autonomia, sentimento de empatia, capacidade de simbolizar, analisar, avaliar e fazer julgamentos e um pensamento mais flexível” (FERREIRA, 2011, p. 14). O ensino de artes mostra-se assim como uma verdadeira fonte para a formação de um cidadão crítico e criativo.

Assim o ensino de artes pode servir para diversos fins como o desenvolvimento de capacidades artísticas e estéticas, assim como no auxílio o interdisciplinar.

Em inúmeras vezes os professores e a escola não conseguem oferecer aos discentes uma variedade de métodos que facilitem a aprendizagem e compreensão de conteúdo, “sendo de grande importância a possibilidade de fornecer meios para tornar o ensino mais prazeroso e dinâmico no processo de ensino-aprendizagem” (SILVA, 2009, p.01).

Para tornar este processo mais dinâmico e prazeroso, segundo Leite (1998) diversos pesquisadores vêm analisando as obras de artes como fonte documental, Samain 1998 apud Sardelich 2006 diz que essa perspectiva serve para acentuar esta nova tendência da utilização de imagens como documento para a construção de conhecimento.

Assim faz-se necessária uma pesquisa sobre a utilização das obras de arte no processo de ensino tendo em vista tornar este processo um ato prazeroso e dinâmico.

Os profissionais que se dispõem a trabalhar com o auxílio de obras de arte devem estar bem preparados e saber interpretar os processos naturais e as relações humanas, sociais e naturais envolvendo cada obra de arte e, período histórico, modo vivenciado pelo autor. Pois os pintores não eram pessoas à margem da sociedade e sim faziam parte dela e as representavam do modo em que as mesmas pareciam.

Ao usar métodos interdisciplinares como recurso para o trabalho na sala de aula envolvendo várias disciplinas de modo a contextualizar melhor os conteúdos, segundo Silva (2009), possibilita-se assim chamar à atenção e despertar um maior interesse entre os alunos, para as disciplinas em questão.

Deste modo, torna-se importante a diversificação das metodologias dentro de sala de aula, tanto para despertar o interesse como para atender as necessidades educacionais em vigência hoje, e que exigem maior conhecimento e competência dos profissionais da educação.

De tal modo que o trabalho interdisciplinar proporciona melhores condições de aprendizagem conduzindo os alunos a uma maior compreensão dos conteúdos propostos e levando-os a criticidade, trabalhando a criatividade e tornando-os agentes ativos na sociedade em que vivem.

Assim o professor pode utilizar-se desses métodos de leituras de imagens para exercer sua função de análise e estudos sobre “as características e evolução dos espaços históricos, sua morfologia, paisagem e organização territorial assim como sua formação social” (PIRES, 2008, p.5).

Sendo assim a leitura de imagens, sob o enfoque de obras plásticas pode ser um bom recurso no processo de ensino aprendizagem, de diversas disciplinas, porém, nesta pesquisa busca-se enfatizar o ensino de geografia e história melhor explicitado adiante.

2.3 ARTES VISUAIS E INTERDISCIPLINARIDADE: Um enfoque no estudo de geografia, história e artes

Justamente por seu caráter amplo aborda-se neste trabalho não meramente a arte como disciplina educacional de Educação Artística, mas o foco principal é o uso da arte, sobretudo as artes plásticas, como fio condutor à outras disciplinas e conteúdos, que podem ser trabalhados pelo professor como meio de melhor esclarecer ao aluno esses conteúdos.

Nesse contexto aborda-se as obras de Frans Post, pintor holandês, contratado por Maurício de Nassau⁴ para retratar o Brasil e a corte holandesa, no período da invasão holandesa no nordeste brasileiro. Este pintor é pouco conhecido e de extrema importância para geografia humana desse período, assim justifica-se a relevância dada como foco de nossos estudos.

Sendo assim, utiliza-se como exemplo as obras de arte para estudar, pesquisar e analisar os conteúdos de forma a promover o aprendizado especificamente relacionado ao ensino de geografia.

Sabendo que a geografia estuda os espaços geográfico relacionados às ações do homem, e que o mesmo é agente histórico e construtor da mesma, a própria permite fazer uma abordagem significativa tornando o conhecimento ainda mais significativo. Deste modo pode-se dizer que a prática do ensino de geografia por meio das artes plásticas constitui-se de uma prática viável.

Assim, para Silva (2009), o ensino de geografia vem usando a arte para uma melhor contextualização dos conteúdos, pois permite introduzir aos alunos a cultura, aos grandes artistas, além de levá-los a uma análise de cunho geográfico sobre as diferentes paisagens presentes nas obras.

Nesse sentido “a educação em artes visuais requer trabalho continuamente informado sobre os conteúdos e experiências relacionados aos materiais, às técnicas e às formas visuais de diversos momentos da história, inclusive contemporâneos” (PCN, 1997a, p. 44). Trabalhar artes visuais exige inerentes conhecimentos sobre história, geografia para entender a realidade do artista.

⁴ Maurício de Nassau: conde e príncipe do século XVII, trabalhou na Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, responsável por administrar o Nordeste Colonial, conquistado pelos holandeses.

Esse estudo mostra que para se trabalhar com esse tipo de ensino sobre as artes, entre outros fatores é necessário conhecimento geográfico. “Primeiramente tem que ser feito um estudo interdisciplinar entre geografia, história e arte. De início, entender o contexto histórico em que os autores estavam inseridos é essencial” (SILVA, 2009, p. 04). A partir dessa investigação histórica sobre o período em que foram produzidos elementos artísticos, pode-se entender de maneira mais clara os acontecimentos e costumes sociais.

A história por estudar o ser humano e as relações estabelecidas por ele ao longo da evolução e assim suas realizações que na maioria das vezes são representados em obras de arte. Desse modo utiliza-se como “fontes documentais — fotografias, mapas, filmes, depoimentos, edificações, objetos de uso cotidiano —, é necessário desenvolver trabalhos específicos de levantamento e organização de informações, leitura e formas de registros” (PCN, 1997b, p.39). Assim percebemos que a que a história pode e muitas vezes é recontada a partir de documentos não verbais como as imagens e obras de arte.

O que nos conduz a um trabalho interdisciplinar com geografia que “estuda as relações entre o processo histórico que regula a formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza, por meio da leitura do espaço geográfico e da paisagem” (PCN, 1997b, p. 74), também observáveis nas pinturas, podendo assim além de realizar uma análise histórica e geográfica dos espaços representados nas obras.

Visto história e a geografia estudam as relações do homem o que possibilita maior interação entre as disciplinas além do trabalho interdisciplinar, percebe-se que as mesmas associadas a artes, estão intimamente ligados numa perspectiva de facilitadores no processo de entendimento das mudanças sociais através das manifestações artísticas de determinadas sociedades.

Para trabalhar com obras de arte deve-se conhecer, saber relacionar e entender as relações existentes entre geografia, história e arte, para que o trabalho renda os frutos esperados. Atualmente a educação não busca uma visão unilateral sobre a sociedade e a realidade, prima-se por uma educação interdisciplinar que consiga tornar os discentes seres pensantes, ativos e criativos perante a sociedade.

O trabalho interdisciplinar entre geografia, história e artes tornará o ensino de geografia mais contextualizado, pois além apresentarem esse atrativo a mais, a

leituras das obras de arte deixam os alunos mais críticos. Isso porque a paisagem remete muito mais do que o simples visual, por isso, pode ser objeto de análise social, de características física, econômica, entre outros (SILVA, 2009, p. 8).

Durante um longo período o ensino de geografia, segundo Silva (2009), ocorreu com o docente apenas transmitindo o conhecimento, o que tornava as aulas desinteressantes e desestimulantes. Ainda mais se considerar o fato de que as aulas tornam-se decorativas, transformando o aluno em um agente receptor de informações, pois o mesmo não consegue estabelecer relação dos conteúdos com o seu cotidiano.

As escolas e os professores devem oferecer aos alunos formas diversificadas de aprendizagem para melhor compreensão por parte dos alunos, mas nem sempre isso ocorre tornando o processo de ensino aprendizagem monótono e muitas vezes tedioso, quando se refere principalmente ao ensino de geografia e história, pois o ensino das disciplinas em questão em geral são leituras e resumos esquecendo-se do fator principal o questionamento.

Para dinamizar este processo e torná-lo mais prazeroso e dinâmico o ensino de geografia vem utilizando-se das obras de artes em busca de uma melhor compreensão dos conteúdos.

Pois o estudo da geografia a partir das obras de artes, é uma oportunidade de trazer para o aluno cultura, apresentar os grandes artistas plásticos brasileiros, e também incentivá-los a analisar, a observar com um olhar geográfico diferentes paisagens (SILVA, 2009, p.01).

Observa-se assim, de forma concreta a relação de afinidade e complementação existente entre a geografia, história e a arte. Pois, o estudo geográfico e histórico pode ser feito por meio das obras de arte desvendando acontecimentos históricos e paisagens geográficas, sendo possível assim definir o momento histórico vivido pelo autor.

Além das questões espaciais SILVA (2009) ainda afirma sobre uma relação espaço temporal e cultural na prática de ensino da geografia pelas obras de artes onde não se observa apenas a geografia física, mas também toda sua complexidade podendo ser o contexto histórico e social a cerca da realidade vivenciada em um período ou as relações humanas descritas nas mesmas.

Utilizar-se das representações artísticas, como as visuais, como recurso didático, auxilia na contextualização e formação de conceitos tornando possível o

aluno “reconhecer, compreender, aplicar, identificar, analisar e avaliar esses conceitos básicos, se eles fazem parte das suas realidades” (SILVA, 2009, p. 02). Portanto faz-se necessário um profissional interdisciplinar que saiba compreender e entender não só as questões da esfera geográfica, mas também analisar os contextos e explicar as relações entre o passado, presente e futuro.

2.3.1 GEOGRAFIA FÍSICA: os corpos sólido, líquido e gasoso da Terra

Para ampliar as propostas deste trabalho quanto à interdisciplinaridade, faz-se necessário esclarecer alguns aspectos geográficos, que podem contribuir para o entendimento de elementos encontrados nas obras de Post. Simples estudos quanto a elementos territoriais, climáticos, geográficos, podem fortalecer os argumentos e observações que podem ser feitas juntamente aos alunos utilizando-se como exemplo imagens, que como foco desse trabalho é um bom recurso para despertar o interesse.

A geografia física abarca a geomorfologia, os ramos que estuda o relevo do planeta; a climatologia é o que estuda o clima e suas composições, hidrologia é o ramo que estuda a distribuição e características das águas do planeta, glaciologia: ramo voltado para os estudos da água em seu estado sólido, biogeografia é o que observa a distribuição dos seres vivos sobre a Terra, paleogeografia: parte que analisa a geografia antiga da superfície do planeta Terra, edafologia estuda a composição da natureza do solo e sua relação com as plantas e o entorno (Castro *et. al.* 2006).



Figura 01: Cachoeira de Paulo Afonso
Fonte: LAGO; LAGO (2009, p.118)

Entretanto para nossa pesquisa levaremos em consideração apenas a geomorfologia, a climatologia e a hidrografia. Como observamos na Figura 01 a interação entres os fatores citados acima, onde a água esculpe as rochas ajudando na formação do relevo. Ver detalhes em Anexo 1.

2.3.1.1. A GEOMORFOLOGIA: A arte de esculpir as rochas

Segundo Igor Moreira (1998) o relevo é a camada rochosa no visual da paisagem, se dividendo basicamente em Planalto, Planície e Depressão.

Planalto na visão de Moreira (1998) são superfícies mais elevadas, apresentam poucas e suaves ondulações, em geral delimitada por área rebaixada.

Planícies são superfícies em que o processo de deposição de matéria ultrapassa o de desgaste tornando os de quase totalmente aplainadas. Se apresenta de três formas fluviais formada por sedimentos depositados pelas águas do rio, costeiras formada por sedimentos depositados pelas águas do mar e lacustres dos lagos (MOREIRA, 1998).

Depressão, para Moreira (1998), são áreas extremamente baixas circundadas por regiões mais altas, podendo ser absoluta abaixo do nível do mar ou relativas quando acima. Sendo normal paisagens formadas com água em geral com rio na parte mais rebaixada.



Figura 02: Paisagem do rio e tamanduá
Fonte: LAGO; LAGO (2009, p.126)

Podemos observar o relevo a partir da Figura 02 que nos mostra um planalto e ao fundo aparentemente uma região de planície cortada por um rio. Ver detalhes em Anexo 2.

2.3.1.2 HIDROGRAFIA: A água sob suas diversas formas

A camada de água em estado sólido e líquido no planeta denomina-se hidrosfera, entretanto a mesma também se encontra sob a forma de vapor e de cristais de gelo. “Na litosfera, a água se infiltra, formando as águas subterrâneas, ou flui, formando águas superficiais (rios e lagos)” (SCHNEEBERGER; FARAGO, 2003, p. 68).

Para Schneerberger e Farado (2003) a água ocupa três quartos da superfície do planeta, essa grande massa se divide em mares, oceanos, lagos etc cada um com características específicas.

Os oceanos, por exemplo, são divididos em três, que são eles oceano Índico, oceano Pacífico, oceano Atlântico, cada um deles apresenta características próprias como a temperatura.

Os oceanos apresentam trechos de delimitação precisos e nítidos, entretanto há locais em que a delimitação é indefinida, por exemplo no encontro das águas de um oceano com outros (SCHNEEBERGER; FARADO, 2003).

Schneerberger e Farado (2003) ressalta que os oceanos apresentam áreas que banham os continentes, ilhas e trechos encravados no interior dos mesmos esses locais são denominados mares. Os mares apresentam profundidade, salinidade entre outras características diferenciadas.

É importante ressaltar ainda que parte das águas existentes em nosso planeta encontram-se escondidas no subsolo. Em geral são as águas que caem das chuvas e são filtradas pelas camadas rochosas terrestres, podendo ser classificados segundo sua profundidade em lençóis freáticos que apresentam uma profundidade menor e em lençóis profundos ou artesianos são bem mais profundos. Essas águas encontram um local para aflorar quando o relevo permite fazendo surgir assim uma nascente.

Partindo de Schneerberger e Farado (2003), a união desses pequenos cursos de água aflorados vão formando-se os rios cada vez maiores de acordo com o volume e a quantidade de afluentes, ou seja, a quantidade de rios que desembocam em outros rios. Além das águas provenientes de sua nascente e de seus afluentes, o regime dos rios também pode ser pluvial quando alimentados

pelas águas provenientes das chuvas, e glacial quando alimentado com águas de originadas do derretimento de neve que escorrem para o seu leito. Entretanto um mesmo rio pode apresentar os dois regimes, devido a seus afluentes e as várias regiões percorridas por ele, sendo chamado de regime misto.

Um rio pode receber nomenclaturas distintas para as partes que o compõe, deste modo apresentam-se alguns conceitos baseados nas afirmações de Schmeerberger e Farado (2003): nascente é o local que dá origem o rio, onde a água aflora, a vala por onde as águas correm denomina-se leito, podendo ser divididas em permanente e inundado local em que o rio ocupa apenas durante alguns períodos do ano. Segundo Schmeerberger e Farado (2003) ao observar um rio devemos estar de costas para sua nascente, ou seja, de costas para o local em que vem o fluxo de água somente assim conseguimos distinguir as margens de um rio, que trata-se dos lados do rio, as mesmas podem ser baixas ou altas. As baixas em geral formam praias nas margens dos rios, já as altas formam barrancos.

Para Schmeerberger e Farado (2003) o “local onde o rio deságua”, ou o local em que o rio deposita suas águas em outro rio é denominada foz (SCHMEERBERGER E FARADO 2003, p. 72). Afluentes são rios recebidos por outro rio formando um rio maior. O “caminho seguido por suas águas,” ou seja, o local por onde as águas passam chama-se curso (SCHMEERBERGER E FARADO 2003, p. 72).



Figura 03: Rio São Francisco
Fonte: LAGO; LAGO (2009, p.102)

Conceitos esses bem evidentes na Figura 03 em que as margens do lado direito do rio encontramos um animal, capivara, e um cacto, visualizamos a margem esquerda um barco descendo o curso do rio. Ver detalhes em Anexo 3.

2.3.1.3 CLIMA: A arte produzida pela incidência solar

Para falar sobre o clima temos que ter bem definidas as diferenças entre tempo e clima. Para Igor Moreira (1998) tempo refere-se as características atmosféricas em um dado momento e local, ou seja, o tempo é momentâneo, pois pode mudar de uma hora para outra. Clima envolve mais um período maior, pois, exige um período maior de observação, em geral não inferior a trinta anos.

Há alguns fatores que influenciam no clima de uma região, são os denominados fatores climáticos entre eles podemos destacar: latitude, altitude, maritimidade, “correntes oceânicas e dinâmicas das massas de ar, além da topografia e da vegetação” (MOREIRA, 1998, p. 197)

A Latitude quanto maior a latitude mais baixa será a temperatura, visto que a mesma é proporcionada pela radiação solar que é mais intensa na região equatorial e conforme o deslocamento para as regiões dos pólos a mesma vai baixando. A altitude também pode influenciar no clima, pois segundo o autor a cada 180 metros de altitude⁵ diminui-se 1° C da temperatura.

Já as regiões próximas ao mar sofrem o fenômeno da maritimidade em que os ventos marítimos em diversas vezes suavizam a temperatura, entretanto qualquer alteração nas águas do mar podem provocar alterações no clima como é o exemplo os fenômenos do Oceano Pacífico *El niño e La ninã*.

A movimentação das águas do oceano influenciam as questões climáticas em áreas litorâneas próximas a regiões em que circulam, são as correntes oceânicas, “verdadeiros “rios” de água salgada circulando na superfície dos oceanos. Sua profundidade é variável, assim como sua largura” (MOREIRA, 1998, p. 200). Essas correntes são resultado de vários fatores entre eles o vento, diferença de temperatura, pressão e salinidade das águas.

De modo geral o clima é resultado da movimentação das massas de ar presentes em nossa atmosfera que apresentam características próprias como pressão, temperatura, umidade entre outros. O que determina a características de cada uma delas é a localização de sua formação.

⁵ Altitude distancia vertical entre um determinado ponto e nível do mar.

Para Moreira (1998) essas massas de ar se dividem em continentais e oceânicas, sendo as primeiras secas com exceção das que se formam em áreas com grande fluxo hídrico ou florestas equatoriais, as segundas são úmidas e se formam sobre o oceano. E “o deslocamento das massas de ar é causado pela diferença de pressão atmosférica entre as diversas zonas da superfície terrestre. O movimento ocorre de uma zona de alta pressão atmosférica para uma área de baixa pressão” (MOREIRA, 1998, p. 202).

Partindo destas definições faz-se menção de alguns conceitos que, entende-se ser importantes serem lembrados, tendo em vista que o conhecimento destas relações em concomitância às imagens podem vir a contribuir no momento da aula.

CLIMA QUENTE – caracterizado por ser controlado por massas de ar quentes em geral equatoriais ou tropicais. CLIMA ÁRIDO – são caracterizados pela escassez de chuva, altas temperaturas, em geral noites frias e dias quentes. CLIMA MESOTÉRMICO OU TEMPERADO – “são os climas das latitudes médias, controlados por massas de ar de origem tropical e polar, responsáveis pela alternância de estações no ano” (MOREIRA, I. 1998, p. 205).

Em geral o frio não é bem caracterizado, e pode se dividir em temperados oceânicos e continental: OCEÂNICOS: apresenta verões chuvosos e invernos brandos devido a influência marítima. CONTINENTAL: invernos rigorosos, comum à ocorrência de neve, e períodos chuvosos menores que no oceânico.

Por fim temos o CLIMA FRIO controlado pelas massas polares e subpolares, longos períodos com baixa temperatura e verão curto. Apresentados em áreas de altas e médias latitudes, a altitude também é um fator determinante do clima, portanto as altas montanhas apresentam clima frio.

CAPÍTULO III

HISTÓRIA DO BRASIL COLONIAL: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRIA E A ARTE

A história do Brasil colonial em grande parte pode ser reconstruída ou recontada pelas obras de arte feitas no período, que tinham por objetivo retratar a realidade colonial visto que neste momento não havia um desenvolvimento tecnológico como hoje.

3.1. HISTÓRIA DO BRASIL COLONIAL

Segundo Koshiha e Pereira (1996) em 1492 ocorreu a descoberta do continente Americano pelo Espanhol Cristóvão Colombo, que buscava uma rota alternativa para a Índias, o quê, de início, não causou muito entusiasmo essa descoberta. O mesmo ocorreu com o Brasil, os portugueses que chegaram consideraram o local um empecilho por estar no meio da rota marítima para o oriente. Após perceber-se que a distância entre a Europa e o oriente ainda era muito grande os olhares começaram a voltar-se para as terras além-mar.

Portugal, no entanto, somente a partir de 1530 realmente iniciou-se políticas de colonização do novo território. Iniciava-se assim o processo de colonização mercantil, que consistia no acúmulo de metais preciosos para a metrópole, através da exploração da colônia. A primeira tentativa de colonização propriamente dita foram as capitânicas hereditárias onde as terras foram divididas e doadas aos membros da nobreza portuguesa, o que ocorreu é que nem todos esses nobres quiseram investir neste novo território e assim várias capitânicas nunca foram ocupadas, dentre todas, somente a de São Vicente e a de Pernambuco tiveram êxito.

Por isso, a corte resolveu mudar seu modo de colonização já que o mesmo não estava dando certo, assim, foi criado o Governo-Geral que passa a ser a autoridade máxima da colônia.

As mudanças no processo de colonização trouxeram transformações no relacionamento entre os índios e os portugueses. De início esse processo ocorreu

de modo pacífico, mas com a ocupação portuguesa começaram os conflitos. Em Pernambuco os índios foram praticamente exterminados, na Bahia, porém, os portugueses se aliaram à algumas tribos e passaram a travar verdadeiras guerras com tribos rivais, e por fim, os derrotados eram transformados em escravos.

Aqui faz-se importante saber que a economia do Brasil colonial se difere das colônias espanholas, pois os portugueses não encontraram de início minas de metais preciosos, assim, segundo Koshiba; Pereira (1996), optou-se por um modo de colonização agrícola. Visto que não havia mão de obra dentro da colônia, pois, a maior parte das pessoas não queriam abandonar a metrópole para trabalhar na colônia, os indígenas eram usados como mão de obra para o desenvolvimento agrícola.

Desse modo a primeira cultura a ser produzida foi cana de açúcar devido às condições climáticas e a inviabilidade de ir buscar açúcar na Índia, visto que o canal de Suez que ligava a Europa à Índia estava bloqueado face as guerras que estavam acontecendo na Europa, deste modo, iniciou-se o plantio de cana de açúcar na colônia.

Com o as plantações vieram também os engenhos, termo que não se refere apenas ao local em que se produzia açúcar, mas a todo o ambiente produtivo. De início havia dois tipos de engenho: o movido a tração animal e o outro pelas força das águas. “O engenho era composto por uma casa-grande, senzala, casa do engenho e capela”. (KOSHIBA ; PEREIRA , 1996, p.27). A casa grande era onde vivia o senhor do engenho, as senzalas, os locais em que residiam os escravos (negros e índios).

Os jesuítas começaram a se opor à escravidão dos índios, pois acreditavam na proposta primeira feita pela metrópole de educar e catequisar os nativos, com isso foram se criando regras e legislações internas para a mão de obra indígena onde apenas indígenas capturados em guerras poderiam ser escravos, com isso começou-se a pensar em trazer escravos africanos.

A substituição de índios por negros foi ganhando força e foi impulsionada principalmente por Mem de Sá, e por fim os escravos índios foram substituídos definitivamente pelos negros trazidos da África.

O tráfico negreiro estabeleceu-se como um sistema escravidão dentro da colônia, pois o mesmo visava a produção, comercialização de mercadorias e

lucratividades, possibilitando uma relação comercial entre a colonial e Portugal. Essa, de ordem mercantil, em que o Brasil poderia comercializar seus produtos apenas com a Metrópole, o que dava total controle sob o valor das mercadorias aos portugueses, que compravam os produtos com um valor bem inferior ao de mercado, e assim a colônia era obrigada a comprar as manufaturas da metrópole em valores bem elevados.

Percebendo esse sistema, diversos países interessaram-se pelo processo sendo um deles foi a Holanda que em 1624 tentou uma invasão na Bahia, entretanto foram expulsos pela resistência por parte da colônia, essa tentativa durou praticamente um ano.

Em 1630 houve a segunda tentativa de invasão, financiada por um carregamento de prata apreendido pelos holandeses nas Antilhas, desta vez na região em Pernambuco. Ação bem sucedida após conseguir a aliança de Domingos Fernandes Calabar⁶ pois por mais que os holandeses se encontrassem mais bem armados e preparados não possuíam conhecimento sobre o território, como Calabar era um grande conhecedor de território e aliando-se aos holandeses os mesmos poderiam estudar e planejar métodos para conquistar novos territórios.

O governo holandês preocupava-se em garantir a segurança e também o sistema econômico, principalmente no governo de Maurício de Nassau-Siegen, caracterizado principalmente pela tolerância religiosa durante seu governo.

Durante seu governo Recife foi remodelada, Nassau trouxe com ele “artistas, homens de ciência, escritores e até teólogos”. Dentre eles, pode-se citar os “pintores Frans Post e Albert Eckhout, que registraram a fauna e a flora locais” (KOSHIBA ; PEREIRA, 1996, p. 40).

3.2 FRANS POST: A arte europeia no nordeste açucareiro

Frans Post nasceu em Haarlem na Holanda em 1612 e faleceu em 1680. Pintor pouco conhecido apesar da importância histórica de suas obras para todo o continente americano. “Post foi o primeiro pintor e desenhista a viajar ao Novo

⁶ Domingos Fernandes Calabar senhor do Engenho da Capitânia de Pernambuco e grande conhecedor do território local, segundo Koshiba e Pereira.

Mundo e tinha a incumbência de retratar a paisagem brasileira” (LAGO; LAGO, 2009, p. 15).

Foi o primeiro pintor do Velho Mundo⁷ a retratar as paisagens do Novo Mundo mostrando para a Europa a fauna, flora e contexto colonial vivenciado no naquele continente.

Em um momento em que as pinturas eram extremamente mitológicas e religiosas, Post se diferencia dos demais pintores da época, entretanto não se sabe ao certo quais os motivos por ter-se escolhido Frans Post, o que se sabe é que o artista chegou aos 24 anos no Brasil em 1637, sendo que anterior a esse período não há obras conhecidas ou reconhecidas de sua autoria.

Assim que chegou ao Brasil Nassau dividiu o trabalho de retratar o país entre Eckhout que ficou responsável por retratar os tipos humanos, fauna e flora e Post o registro das paisagens cultural, produzida pelos holandeses, assim como as batalhas e edificações (LAGO; LAGO,2009). Lê-se aqui paisagem cultural como uma representação artística a construção da natureza sob olhar humano.

As Obras de Post estão divididas em quatro fases, sendo a primeira corrente durante os sete anos do artista no país, 1637 a 1644, representados por 18 obras, estas que visavam “desenhar as principais localidades holandesas no Brasil” (LAGO; LAGO, 2009, p.32). Onde “os temas das telas que Nassau lhe encomendou fossem mais impostos pela realidade geográfica do que pela vontade espontânea do príncipe”, ou seja, as obras deveriam ser fidedignas a realidade (LAGO; LAGO, 2009, p.32).

Não se sabe se o pintor produzia ou trazia da Europa os óleos usados em sua telas.

A segunda fase vai de 1645 a 1660, corresponde ao retorno de Post à Holanda, no entanto persistem dúvidas quanto a data de sua volta, alguns acreditam que voltou junto com o governador Nassau, outros a que possa ter voltado antes devido à existência de gravuras da costa africana feitas por ele.

Na Europa continuou a fazer obras sobre as paisagens brasileiras provavelmente devido aos esboços que levara do país, a maioria das obras desta fase é considerada fontes documentais.

⁷ Velho Mundo termo utilizado para se referir os continentes: europeu, africano e asiático no século XV.

A terceira fase de Post, 1661 a 1669, corresponde à fase de maior maturidade e aperfeiçoamento de suas técnicas, entretanto esse período é marcado pela falta de espontaneidade presente nas fases anteriores.

Percebe-se também um afastamento da precisão em retratar as paisagens brasileiras, sua média de quadros nesse período foi de aproximadamente dez a doze quadros por ano, essa fase se inicia com pinturas feitas direto na madeira.

Na quarta fase, de 1670 a 1680, após a morte de sua esposa, filhos, sogro e irmão e a idade avançada pode-se perceber uma decadência nas obras do artista, extremamente visíveis neste período. O pintor afundou-se no alcoolismo e percebendo sua decadência parou de assinar suas obras. A última obra datada e assinada foi em 1669. Esta fase é composta por 40 quadros que apresentam as mesmas características agrupadas nessa fase.

Post não teve seguidores no Brasil e nem na Holanda. Apesar de ser criticado devido à sua fidelidade em observação ao Brasil, não se pode deixar de constatar sua importância para a constituição histórica do nordeste açucareiro, pois a partir de suas obras é possível visualizar a fatos do período e conhecer um pouco de uma realidade distante.

3.3 GEOGRAFIA E HISTÓRIA ATRAVÉS PINTURA: uma análise de Vista de Itamaracá e Engenho de Frans Post

A necessidade que se tinha na época em representar as paisagens de forma real, por meio de pinturas paisagísticas, servia para que se tivesse uma noção exata da paisagem brasileira, já que na época não existiam as tecnologias de reprodução de imagens atuais, como as máquinas fotográficas, câmeras, televisão, internet e outros. Tendo esse conhecimento da não existência de tantos aparatos tecnológicos, como os existentes hoje, as únicas formas de retratar algo ou alguém eram pelas pinturas. Assim pode-se perceber a importância desta forma de arte como constituinte histórico, e principalmente a importância de Frans Post artista holandês contratado para retratar a colônia para a Europa.

Pedro Corrêa do Lago e Bia Corrêa do Lago em 2009, organizaram o livro *Frans Post {1612 - 1680} OBRA COMPLETA* na qual fazem uma abordagem histórica do Brasil Colonial no período em que o artista estava no país, trazendo os

motivos que o trouxeram, seus objetivos e todas as suas obras divididas em quatro fases.

Partindo dessa obra, foram escolhidas as seguintes obras para análise: *Vista de Itamaracá e Engenho*.

A primeira obra corresponde a primeira fase do artista, ou seja, o momento em que ainda estava no Brasil. A obra intitulada *Vista de Itamaracá*, foi feita no ano de 1637, e retrata a praia da então província de Pernambuco. A tela, atualmente, encontra-se em Haia, na Holanda, no Prédio histórico de Mauritshuis.



Figura 04: Vista do Itamaracá
Fonte: LAGO ; LAGO (2009, p.86)

Escolheu-se essa obra pelo fato de ser o primeiro trabalho a óleo conhecido do artista. Na mesma ele retrata a Vista da ilha de Itamaracá, localizada próxima do estado de Pernambuco.

Pela Figura 04 pode-se observar as formações de relevo e pressupor que a região em questão trata de uma área costeira a julgar também pelas características físicas da água e das areias. Partindo dessa análise geográfica percebemos que se trata de uma região litorânea, pois a obra nos mostra o encontro do rio com o mar, mostrando também que o local em questão é uma área rebaixada visto que rios sempre correm das grandes altitudes para locais de menor.

Segundo Lago e Lago (2009) os personagens são dois portugueses e dois escravos vestidos com trajes do vestuário indígena, que a julgar pelo cesto na cabeça e o cesto no chão estão colhendo algum tipo de fruto.

As roupas dos personagens nos remetem a outro período histórico com relação a atualidade, bem como a região em questão, devido ao tipo da vegetação

por apresentar características de ser mais rasteiras, por exibir em seu plano de fundo palmeiras altas indica vegetação de clima quente. Ver detalhes no Anexo 4.

Ao topo do monte junto às palmeiras de fundo pode-se perceber algumas construções para Lago e Lago (2009) seria um forte e a sua volta algumas casa, o mesmo denomina-se Itamaracá com o intuito de proteger a região costeira, a presença de escravos na imagem se deve ao fator da mesma retratar o período de colonização brasileiro, o autor propõe que os escravos da obra são índios devido a roupagem, que era a mesma utilizada pelos indígenas do período.

A proposta é que a partir das imagens retratadas nas obras de Post utilizá-las no processo de ensino aprendizagem dos alunos. O professor a partir da imagem retratada pode levar aos alunos a uma pesquisa mais detalhada sobre a vida do autor, sobre as condições sociais do momento, as características físicas presentes nas imagens. Pode realizar reproduções artísticas das obras, fazer a leitura da imagem em slides que possibilitem uma melhor observação pela turma. Além de proporcionar inúmeras descobertas geográficas e históricas como os mencionados anteriormente.

A paisagem retrata muito bem o período, pois mostra que nesse momento os escravos realizavam todas as tarefas relacionadas a agricultura enquanto os colonizadores apenas supervisionavam ou passeavam a cavalo, e posteriormente ficam com todo o lucro da produção, em contrapartida os trabalhadores recebiam apenas os alimentos suficientes para a sobrevivência.

A segunda obra escolhida é uma de suas obras mais populares: Engenho. Esta faz parte da terceira fase do artista, não se sabe ao certo a data devido ao grande número de obras desta fase. A obra encontra-se, hoje, no Museu do Louvre em Paris na França.



Figura 05: Engenho
Fonte: LAGO; LAGO (2009, p.216)

As características geográficas trata-se de uma região aparentemente plana, partindo da vegetação e da vestimenta dos escravos pressupomos que se trate de uma região de clima quente. Ver Anexo 5 para detalhes.

O através da Figura 02 o professor pode levar o aluno a uma leitura histórica e geográfica sobre a vida no engenho, onde observa-se a presença de diversos escravos negros realizando vários tipos de tarefas diferenciados na produção de açúcar no engenho e os senhores apenas observando e analisando as tarefas realizadas.

Observa-se a presença de um rio no fundo, que evidencia o desenvolvimento das comunidades, em sua grande maioria ocorre em regiões onde há a predominância de água, devido a fertilização do solo, observáveis pela quantidade de vegetação existente nas suas margens.

A localização do engenho era extremamente estratégica devido as condições do solo, e ao fato de que os engenhos do período só poderiam ser movidos a tração animal ou a água como no caso da pintura, para a extração do caldo da cana utilizado na fabricação de açúcar. Observa-se no canto inferior direito da tela a presença, provavelmente, de uma nascente, caracterizada por um fluxo menor de água.

Esta imagem permite ao professor trabalhar sobre os tipos climáticos e os fatores que influenciam no clima, possibilitando trazer imagens, vestuários dos diversos tipos climáticos existentes, mostrando assim a influência do clima na composição das roupas e nas características da vegetação. Na figura em questão

nos apresenta um clima quente ao analisarmos as vestimentas, provavelmente influenciado por massas de ar continentais.

Sendo possível através das obras o professor trabalhar todo o contexto histórico e geográfico.

A partir da Figura 02 pode-se observar a realidade dos negros nos engenhos onde eram feitos de escravos e trabalhavam na produção de açúcar. Observa-se ao lado na colina a presença da casa-grande, onde habitava o senhor do engenho e sua família, e a capela, devido a melhor observação do trabalho realizado pelos escravos. Mostrando que os estilos arquitetônicos do período era voltado pra a realidade europeia e adaptando apenas aos materiais presentes na colônia, e não as condições climáticas local, mas apenas reproduzindo características do Velho Mundo. A presença da capela se justifica pela influencias religiosas no processo de colonização e principalmente pelo fato de Portugal ser católico.

Ressalta-se que a leitura de imagens é muito produtiva e importante na construção do conhecimento, entretanto a conceituação de leitura de imagens apenas iniciou-se por volta dos anos 1970, que para Sardelich (2006), se deve ao fato de nesse momento ter ocorrido um expressivo crescimento nos sistemas audiovisuais.

Atualmente, nota-se um expressivo crescimento e valorização a cerca da denominada alfabetização visual, que se refere a uma leitura e compreensão crítica das obras visuais, em sua grande maioria imagens, visto que hoje os alunos nascem inseridos em uma sociedade extremamente imagética, em que desde muito pequenos já estão expostos a essa cultura visual, que para Meneses (2013, p. 25) refere-se “a valores e identidades construídas e comunicados pela cultura por mediação visual”.

Percebe-se que a leitura de imagens faz-se necessária para a formação de um cidadão mais critico e criativo perante os fatos que o rodeiam, pois lhes possibilitam a leitura muito mais ampla sobre as coisas que ocorrem a sua volta. Desse modo, a utilização de obras de arte pelos professores torna-se um fator diferenciado e relevante para a construção de um pensamento mais crítico que busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

CONCLUSÃO

Tendo em vista que geografia e história caminham juntas propomos um trabalho interdisciplinar junto a disciplina de artes, onde visava-se a utilização das obras do artista holandês Frans Post para uma leitura geográfica e histórica, visando um maior desenvolvimento e aprendizagem do ensino das disciplinas em questão.

Pensando no ensino de artes, observa-se que por muito tempo foi considerado desnecessário, mas com o tempo foi-se percebendo e valorizando suas áreas de estudo e conhecimentos. Entre essas perspectivas nota-se a importância da matéria para a interdisciplinaridade com diversas disciplinas, entretanto percebe-se uma afinidade com a história e, em consequência, geografia.

Pode-se observar assim que atualmente faz-se necessária uma nova abordagem no processo de ensino-aprendizagem que contemple maior dinamismo, para isso comprovou-se nesta pesquisa que é possível a utilização das obras de arte que relacionem a geografia e história de maneira interdisciplinar à outras disciplinas e conteúdos e, para isso, sugere-se a inserção de obras de arte neste contexto, tendo em vista tornar este processo um ato prazeroso e dinâmico como forma de incentivo e de chamar a atenção do aluno. A proposta de pesquisa neste trabalho teve como foco estabelecer a eficiência da utilização das obras de arte no processo de ensino aprendizagem de geografia e histórica, por meio do primeiro pintor a retratar a América aos Europeus: Frans Post.

O presente trabalho monográfico correspondeu aos objetivos tendo em vista que as discussões levantadas através da opinião de vários escritores tendem a enfatizar e complementar que é possível a utilização das desse recurso no desenvolvimento de atividades em sala de aula, o que tornará a aula mais atraente e dinâmica, desconstruindo uma visão antiquada que se tem a respeito das matérias de geografia e história, além de trabalhar a leitura de imagens, desenvolver a percepção, interpretação e leitura de mundo que o tornará mais crítico e criativo perante sua realidade evidenciando as hipóteses levantadas no início da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria do Estado de Mato Grosso. **Orientações Curriculares**, Mato Grosso: Cuiabá, Print, 2012.

CASTRO, I, E. GOMES, P, C, C. CORRÊA, R, L. Orgs **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro, JR, 2007, editora Bertrand Brasil 10ª Edição.

CELLY, C. ALMEIDA, T. Gláucia Previato², SANTOS. M. A. **INTERDISCIPLINARIDADE E O ENSINO DE ARTE**, Paraíba, 2006.

FEREIRA, S. Orgs. **O Ensino das Artes 10ª Edição**. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

KOSHIBA, L. e PEREIRA, D. M. F. **História do Brasil**: São Paulo, SP: Editora Atual, 1996.

LAGO, P. e LAGO, B. C. **Frans Post {1612 - 1680} OBRA COMPLETA**: Rio de Janeiro, RJ: Editora Capivara, 2009.

LEITE, M. I. **Livros de arte para crianças: um desafio na apropriação de imagens e ampliação de olhares**, SC: 1998. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt16/t169.pdf>. Acesso em 2013.

MARIANN, Amanda Ana. **Frans Post – Trabalho de Artes**. 2012. Disponível em: <http://franspost-tda.blogspot.com.br/> Acesso em: 30 maio, 2013.

MARTINS, I. GOUVÊA G. e PICCININI C. **Aprendendo com imagens**, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000400021&script=sci_arttext. Acesso 2012

MENESES, U. T. B. **Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares**, SP. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000100002&nrm=iso&tlng=pt. Acesso 2012.

MORAES, M. **Os caminhos dos viajantes**, 2010, Disponível em: <http://3siahc.files.wordpress.com/2010/04/van-langren-usp-20102.pdf>, Acesso

dezembro 2012.

MOREIRA, I. **O ESPAÇO GEOGRÁFICO: Geografia Geral e do Brasil**, São Paulo, SP, 1998, Editora Ática.

Parâmetros Curriculares Nacionais : **arte / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC/SEF, 1997a.

Parâmetros Curriculares Nacionais : **história, geografia / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC/SEF, 1997b.

PESAVENTO, S. J. **A INVENÇÃO DO BRASIL - O NASCIMENTO DA PAISAGEM BRASILEIRA SOB O OLHAR DO OUTRO, RS, 2004**. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/pdf/Artigo%20Sandra%20J%20Pesavento.pdf>. Acesso 2013.

SANTOS, Z. M. EDUCACIÓN ARTÍSTICA: **História e arte educação um estudo interdisciplinar**, Paraná, 2010. Disponível em: http://www.chubut.edu.ar/descargas/secundaria/congreso/EDUCARTISTICA/RLE2499_Martins.pdf. Acesso em 2012.

SARDELICH, M. E. **Leitura de imagens e cultura visual: desenredando conceitos para a prática educativa**. Disponível em: http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Linguagem%20Visual/leitura_de_imagens_e_cultura_visual.pdf. Acesso em 2012.

SCHNEEBERGER, C. A e FARAGO, L. A. **Minimanual Compacto de GEOGRAFIA GERAL: Teoria e Prática**, São Paulo, SP: Editora Rideel, 2003.

SILVA, A. S. R. **A utilização de obras de artes no ensino de geografia, Porto Alegre: 2009**. Disponível em: [http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20\(20\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20(20).pdf). Acesso em 2013

SILVA, E. M. A. e ARAÚJO, C. M. **Tendências e concepções do ensino de arte na educação escolar brasileira: um estudo a partir da trajetória histórica e sócio-epistemológica da arte/educação**, Pernambuco, 2013. Disponível em: http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/grupo_estudos/ge01-3073--int.pdf. Acesso em 2013.

SIQUEIRA, A. **Práticas interdisciplinares na educação básica: uma revisão bibliográfica-1970-2000**, Campinas: 2001.

TOLSTOI, L. **O que é arte?** São Paulo: Ediouro, 2002.

ANEXOS



ANEXO 1 – Cachoeira de Paulo Afonso, Post 1647



ANEXO 2 - Paisagem do rio e tamanduá, Post 1649



ANEXO 3 – Rio São Fancisco, Post 1639



ANEXO 4 - Vista de Itamaracá, Post 1637



ANEXO 5 - Engenho, Post Data Indefinida